

5ª PARTE

Discursos

Discurso de posse

Pedro Henrique Saraiva Leão

Professor e Presidente Murilo Martins, em cuja augusta pessoa saúdo todos os componentes desta colenda mesa. O nosso colega mineiro Guimarães Rosa, afirmou nas suas *Primeiras estórias*: “Às vezes não se encontram as palavras para o que se está sentindo dentro de si mesmo”.

São para o Senhor, insigne colega e ex-professor, os meus primeiros agradecimentos, por ter instado comigo, há quatro anos, para ser eu seu vice-presidente. Sabíamos tal não implicar a presidência seguinte, pois pelo Estatuto, o vice é obrigado a se candidatar. Contudo, fiquei mais perto das funções que doravante passo a exercer. Candidatei-me, portanto, encabeçando a chapa “Professor Acadêmico Linhares Filho”, composta de notáveis condôminos desta Casa. Sinceramente, agradeço ter logrado a aceitação da quase totalidade dos demais. Estes, decerto, dividirão comigo os louros, e os ônus desta administração.

Como disse Walt Whitman, em suas conhecidas *Folhas de Relva* (*Leaves of Grass*): “*I cannot define my satisfaction... yet it is so*”.

Aqui fui aceito como acadêmico há 23 anos, por indicação do então presidente Claudio Martins, em 19 de setembro de 1986, recebido, oficial e gentilmente, pelo Professor Pedro Paulo de Souza Montenegro. Àquela época – creiam-me – não acalentava nenhum desejo de ocupar este pódio nesta qualidade!

Em verdade, aqui passei a voltar, nostalgicamente, no sentido he-lênico da palavra: *nóstos*: regresso e *algia*: dor. Continuei, pois, retornando àquela casa, que fora também do meu pai, o advogado Manuel Pio Saraiva Leão, falecido aos 51 anos, em 1959. Neste prédio – ainda o “Palácio da Luz” – meu pai foi Secretário de Administração do governador Raul Barbosa e, em 1954, inspirou a sua Excelência a criação do CATM – hoje Tribunal de Contas do Município – pioneiro no Brasil

para o controle externo das contas municipais. Realmente, a minha saudade insiste em me acompanhar até aqui, há 55 anos!

....

Para aqueles que ainda desconhecem – ou não se lembram – esta Academia de Letras – a primeiríssima no Brasil, vale aqui hoje repetido – foi idealizada pelo médico anglo-cearense Guilherme Studart, o Barão de Studart, tendo como primeiro presidente Thomaz Pompeu de Souza Brasil, este, bisavô da acadêmica Professora Angela Gutiérrez, nossa Diretora Cultural. Surgiu na Fênix Caixeiral, em 15 de agosto de 1894, há 115 anos, três antes da Academia Brasileira de Letras, criada basicamente por Lúcio de Mendonça em 20 de julho de 1897, e de início presidida por Machado de Assis. Ressalte-se, por igual, que a Academia Cearense de Letras inspirou-se na Academia de Ciências de Lisboa, consoante irretorquíveis pesquisas dos acadêmicos/historiadores Raimundo Girão, Dolor Barreira, Mozart Soriano Alderado e Sânzio de Azevedo. Assim tivemos apenas uma afinidade com a famosa “Académie Française”, do Cardeal de Richelieu (1634).

Senhoras e senhores:

Há muito, muitos indagam, algo desdenhosamente: para que servem as academias? Esquecem – ou não sabem – terem sidos estas arcádias criadas não somente para cuidar das alfaias da linguagem, conservar a língua, escoimando-a de erronias, a exemplo da Academia della Crusca, de Florença, 1852, preservando o Toscano, idioma literário da Renascença Italiana. Mas – e sobremaneira – para manter viva a voz dos nossos escritores. Referindo-se às mesmas, o acadêmico Artur Eduardo Benevides, saudando os 85 anos desta Casa (1979), afirmou: “Como Academia (...) não poderia deixar de ser (...) uma entidade conservadora, cultivando tradições e perenizando (...) homens e fatos que engrandeceram o (...) Ceará, sem mostrar-se hostil aos jóvens e às vanguardas”.

O escritor paulista Hernani Donato, certa vez perguntou-se: “Servem para algo, em nossos dias?” E ele mesmo respondeu: “A prova

de que (...) servem, está principalmente em que continuam sendo discutidas"! Na gestão do Professor Artur Eduardo Benevides, iniciou-se a outorga anual do Prêmio Osmundo Pontes e começaram a ser ministrados os Cursos de Literatura, atualmente frequentados por mais de 50% de secundaristas e universitários de Fortaleza. Assim, malgrado os poucos recursos governamentais, estes grêmios literários varam os tempos, têm utilidade pública legalmente reconhecida e, mesmo com a execução e alguns, seguem testemunhando os "ciclos inelutáveis" da arte, sempre alimentando-se da vida, qual asseverou o escritor paraibano José Nêumane.

Mesmo ferindo a eternidade, os acadêmicos de Letras não matam o tempo, apenas, mas prestam um inestimável serviço à coletividade, em perpétuo reverenciamento da nossa Literatura, revitalizando-a, principalmente para os mais jovens!

Flaubert (1821-1980), no seu *Dicionário de Ideias Aceitas*, destarte reportou-se à Academia Francesa: "La dénigrir, mais tâcher d'en faire partie, si l'on peut": "Denegri-la, mas podendo, tentar fazer parte dela"!

Quanto ao epíteto (ou pecha?) de imortal, o pedagogo e acadêmico Antônio Filgueiras Lima, aqui recebendo o romancista João Clímaco Bezerra, em junho de 1953, assim se expressou: "(...) O instinto de conservação busca, nessa ilusão de vida literária eterna, uma compensação para a dissolução orgânica, fatal e irremissível". E acrescento, eu, aqui: esta é tão somente nossa apregoada, e caçoada imortalidade.

....

Luzidia Mesa; Senhoras e Senhores.

A res publica no Brasil bem melhor estaria, não fora seu nefando espírito de descontinuidade! Aqui – acreditem – insistiremos em não lhe dar guarida! Daremos, sim, sequência aos pleitos e projetos em andamento nas duas últimas gestões, tão bem secundados e conduzidos pelo Professor Acadêmico Murilo Martins, a quem – notem – sucedo, mas não substituo! Tal faremos, lubrificando-os com enzimas próprias, nossas, com tempero e pitadas da nossa experiência.

Isto enseja-me conclamar neste momento, não só a minha Diretoria, e/ou aos demais acadêmicos, mas a todos os membros das demais associações intelectuais congêneres, que – para gáudio nosso – aqui se reúnem. Estamos na mesma nau! Somos vizinhos singulares, pois da mesma casa! Fiquemos mais perto! Exerçamos nossa vizinhança! Trabalhemos juntos para engrandecer ainda mais a cultura da nossa gente! Aqui fomentaremos uma real fraternização desta entidade com a Academia Cearense de Medicina. Aliás Literatura e Medicina surgiram juntas, quase siamesas, como atestam as manifestações alfabéticas rúnicas e os longos poemas de Homero – *Íliada* e *Odisseia* – onde, vez primeira, foram descritas as feridas cirúrgicas! A Literatura Romântica tem demonstrado mesmo quão original é a sua relação com as doenças mal tratadas dos seus autores. É o poder criativo da doença, e também, muita vez, a impotência da Medicina gerando Literatura! Neste sentido, aí estão os estudos de Patografia, no Brasil, particularmente relacionando a Humberto de Campos, Machado de Assis e Manuel Bandeira. Por coincidência, o idealizador desta Casa foi um médico, o Barão de Studart; como somos, o Professor Murilo Martins e eu; e foram ou ainda são vários outros colegas.

Certamente, continuará sendo nosso parceiro o vetusto, venerando, Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico, hoje capitaneado exemplarmente por José Augusto Bezerra. De igual maneira fortaleceremos os liames que unem esta academia à SOBAMES (Sociedade Brasileira de Médicos Escritores), atualmente presidida no país por nosso colega cearense, Professor José Maria Chaves. Não sem razão, nosso famoso colega russo Anton Tchecov, celebrado escritor, afirmou ser a Medicina sua esposa e a Literatura sua amante! Idealíssimo “*mènage à trois*”, pois sem ciúmes ou brigas de casal.

O Padre Antônio Vieira exclamou: “Nós somos o que fazemos (...) Nos dias em que não fazemos, apenas duramos”. E Antônio Machado – o grande poeta sevilhano, mestre da poesia espanhola moderna – declarou: “Tudo passa e tudo fica, mas só nos cabe passar, passar fazendo caminhos”.

Embora Chico Buarque cante “Nada é pra já”, sentimos que “sempre é mais tarde do que se pensa”!

Após minha recente eleição, declarei ter inicialmente hesitado, mercê de minhas incertezas de me haver bem, e a bom termo. Mas, refletindo com mais vagar, a crença nesta instituição revigorou-me. “Áureos dias se lhe antolham”, como profetizou o acadêmico Andrade Furtado, em agosto de 1951. Repetindo José Saramago, em *História do Cerco de Lisboa*, diríamos: “dentro do que cabe faço o que posso, e quem consegue fazer o que pode, a mais não estará obrigado, sim senhor”.

Redigindo este elóquio inaugural, lembrei-me de Goethe, Johan Wolfgang, no seu primeiro romance *Die Leiden des jungen Werther*: “Até o momento em que uma pessoa assume um compromisso, há hesitação (...). No momento em que se compromete (...) então a providência funciona também (...). Tudo o que você for fazer, ou sonhar que pode fazer, comece. A coragem tem poder e mágica em si. Comece agora”. É isto que estou a fazer neste momento.

Muito obrigado.